

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS: COLÔNIA DE IMIGRANTES, DOS LUSO-BRASILEIROS AOS ESLAVOS.

Najara Aparecida Dalla Barba

Dr^a. Roseli Boschilia

Palavras-chave: São José dos Pinhais, imigração, identidade

O objetivo dessa monografia é discutir como se deu à instalação de imigrantes eslavos no município de São José dos Pinhais no final do século XIX, em terras já habitadas por luso-brasileiros, delimitando a pesquisa em uma colônia particular, a Colônia Marcelino.

O interesse por esse tema ocorreu durante o estudo na disciplina de História do Paraná, do curso de história. As pesquisas sobre os imigrantes no Paraná abordados pela professora me chamaram muito a atenção, para futuramente desenvolver um estudo mais aprofundado. O interesse foi aumentando cada vez que eu tinha contato com uma nova bibliografia sobre o assunto, e a escolha definitiva sobre o tema veio junto a uma visita que fiz a Colônia Marcelino em São José dos Pinhais, o que resultou então nessa monografia.

A questão que orientou a busca pelas fontes e a leituras sobre o assunto deu-se em função do silêncio presente na historiografia em relação aos luso-brasileiros, que viviam na região de São José dos Pinhais, antes da chegada dos imigrantes europeus.

Com essa pesquisa pretendo complementar a história de São José dos Pinhais, mostrando não só a instalação dos imigrantes no final do século XIX, mas também abordar um pouco da origem populacional dessa região, que foi apagada pelo discurso historiográfico que privilegiou prioritariamente os imigrantes europeus.

As leituras sobre o tema foram o primeiro passo percorrido para se entender o contexto no qual a pesquisa seria incluída. Em seguida foi realizada a investigação em museus, bibliotecas, no Arquivo Público do Estado do Paraná, Igreja Matriz de São José dos Pinhais, convento Irmãs Servas de Maria Imaculada na Colônia Marcelino, Museu da Justiça de Curitiba e Fórum de São José dos Pinhais.

Nessa busca, foram encontradas fontes que comprovam a permanência de luso-brasileiros na Colônia pesquisada, além de outras fontes ligadas ao tema. Sendo elas, Jornal da Tarde de Curitiba de 1908, Relatório apresentado ao Governador do Estado José Pereira Santos Andrade no ano de 1899, processo de cobrança em nome de Marcelino José Nogueira, 21 registros de terras em Nome de Marcelino José Nogueira e a lista de votantes de São José dos Pinhais do ano de 1878.

Depois da investigação das fontes o próximo passo foi a leitura do referencial teórico, e o diálogo com autores que possibilitassem a análise das fontes, nesse sentido contribuíram os autores Stuart Hall, que levanta questões a partir do conceito de “crise de identidade” e de “choque cultural”, e também foi de grande importância, a questão da identidade e diferença, abordado por Tomaz Tadeu da Silva.

O contexto abordado é de fundamental importância para se entender a instalação dos imigrantes na Colônia Marcelino, por esse motivo o 1º capítulo é destinado a fazer uma análise sobre a economia paranaense no século XIX.

No percorrer do século XIX ocorreram mudanças significativas no Paraná, no campo econômico, social e político. A economia do mate que começou por volta de 1820, e propiciou a emancipação dessa província em 1853, deixando de ser comarca de São Paulo,

trouxe mudanças. A partir dos reflexos da economia da erva-mate o Paraná necessitou de imigrantes, assim a política da província foi a de incentivar a instalações de colônias agrícolas aos arredores de Curitiba. Esse incentivo deu-se pela falta de plantação de produtos de necessidade básica, uma vez que todo o comércio estava sendo destinado à plantação de erva-mate.

Na década de 1870 essa deficiência na economia de subsistência, levou o então presidente da província Lamenha Lins a incentivar e promover a vinda de imigrantes para o Paraná. Sua política era a de instalar um “cinturão verde” ao redor de Curitiba a fim de abastecer essa região com produtos de subsistência.

O estabelecimento das primeiras colônias se deu nos arredores do centro urbano de Curitiba. O objetivo do governo provincial era de abastecer o centro consumidor mais rapidamente, e além disso, economizar com construções de pontes e estradas, uma vez que a mão-de-obra imigrante era utilizada nessa área.

A instalação de imigrantes se deu em vários espaços dos Paraná e entre eles a região de São José dos Pinhais

Como desdobramento da política implantada por Lamenha Lins mesmo após ele ter deixado a presidência da Província, no ano de 1878, deu-se continuidade à criação de colônias agrícolas, e dentre elas, quatro se encontravam em São José dos Pinhais. Colônia Santa Maria do Novo Tyrol*, colônia Murici, Zacarias e Inspetor Carvalho. Vale ressaltar, no entanto, que essas não foram as primeiras colônias do município, pois o primeiro núcleo criado em 1876 foi a colônia Tomás Coelho* .

Esses primeiros núcleos foram criados graças à iniciativa do governo provincial, dispondo de melhor infra-estrutura do que os grupos que foram instalados posteriormente na década de 1890, em São José. Esse fato se destaca na medida em que esses primeiros grupos estavam instalados mais próximos das áreas de abastecimento, indicando um dos fatores que facilitaram a prosperidade dos colonos.

Depois de um intervalo de quase duas décadas após a criação das primeiras colônias em São José dos Pinhais, ocorreu a instalação de imigrantes na colônia Santos Andrade, criada oficialmente no ano de 1896 nas divisas dos municípios de São José dos Pinhais e Guaratuba. O perfil da instalação desses imigrantes é distinto dos outros grupos que foram instalados em São José, pois ela foi criada alguns anos depois da proclamação da república.

Com a instabilidade que perdurou no Brasil no final do século XIX, o governo federal cortou a ajuda financeira destinada à acomodação de novos grupos em diferentes espaços rurais. O Paraná e as novas colônias que aqui surgiram foram afetadas diretamente por esse corte financeiro. E a colônia Santos Andrade foi um exemplo disso. A historiadora Angélica Marochi cita o triste destino quanto a criação dessa colônia, a identificando como a “mancha negra” na história do projeto oficial de imigração¹. Devido as precárias condições existentes no núcleo, os imigrantes ali instalados adquiriram terras particulares na localidade conhecida como Marcelino e para lá se transferiram.

Segundo Marochi “por volta do ano de 1897, de acordo com dados da época, ocorreram as transferências das primeiras famílias da Colônia Santos Andrade para Marcelinos, ou Colônia Marcelino²”.

Outro fator importante para essa pesquisa é destacar o perfil populacional e econômico de São José dos Pinhais antes da chegada dos imigrantes.

* As colônias Tomás Coelho e Santa Maria do Novo Tyrol deixaram de pertencer ao município de São José dos Pinhais no ano de 1890, quando houve um desmembramento de terras, hoje elas pertencem ao município de Piraquara.

¹ MAROCHI, Maria Angélica. *Imigrantes 1870-1950: Os Europeus em São José dos Pinhais*. Curitiba- Travessa dos Editores, 2006, p. 138

² Idem.p. 195.

O panorama econômico e social da freguesia de São José dos Pinhais, só se modificou quando chegaram as primeiras levas de imigrantes nessa região. Até então a população era formada por descendentes de colonizadores portugueses, indígenas e escravos libertos, que não detinham propriedades e tampouco podiam atuar no comércio.

Na obra de Roberto Simonsen e citado por Maria Cristina Colnaghi aparece um depoimento de 1780 referindo-se às condições precárias da então capitania de São Paulo.

Os moradores da vila de Curitiba, que está ao lado da estrada 14 léguas, além de não serem as terras frutíferas, e porque não têm para quem nem para onde consumir os frutos da sua lavoura, tem já o costume de plantar somente aquilo que basta para o sustento de suas famílias; ainda, isto é, aqueles que têm como, uma vez que a maior parte nem disso cuida, porque muitos sustentam-se conduzindo congonghas para a vila de Paranaguá, onde as permutam pelo sal, algodão e farinha, sem saírem desta miséria desde o princípio de seus avós, e não se pode condenar esse gênero de vida porque ainda assim têm o sal, farinha e algodão para vestirem; e a mesma sorte têm os da freguesia de S. José, que é do termo desta vila³.

Em São José dos Pinhais essa precariedade perdurou até o século seguinte, quando da chegada das primeiras levas de imigrantes.

Os primeiros portugueses que chegaram para colonizar o planalto curitibano no século XVII tinham como objetivo procurar ouro na baía de Paranaguá e capturar índios. Como São José dos Pinhais se localiza entre a rota Curitiba/Paranaguá foi povoada primeiramente por esses mineradores que formaram pequenas povoações. Num segundo momento, a Coroa portuguesa fez a concessão de sesmarias, visando ligar o português aventureiro à terra na tentativa de desenvolver atividades agrícolas e pastoris, ocupar vazios demográficos e legitimar a colonização.

Essa concessão de terra por sesmaria também alterou o perfil da população, que ao invés de passageira se tornou fixa e diversificada.

A primeira sesmaria entre as oito concedidas na região de São José dos Pinhais é datada de 1707, essa forma de concessão de terra em São José perdurou até 1743 quando foi adquirida a última sesmaria.

Com o declínio da exploração do ouro em Paranaguá e a transferência dos mineradores para as Minas Gerais, a população residente no planalto paranaense passou a destinar a atividade econômica à lavoura e principalmente a criação de gado.

Os luso-brasileiros encontrados em São José dos Pinhais, na época em que chegaram os primeiros imigrantes, são herdeiros dos sesmeiros do século XVIII. Esse fato é comprovado pelas fontes, que confirmam a permanência do sobrenome dos sesmeiros na região.

Em meados do século XIX, quando começaram a chegar as primeiras camadas de imigrantes na região de São José, muitos desses luso-brasileiros venderam ou trocaram suas terras, procurando outro lugar para se estabelecer. Esse processo de evasão dos luso-brasileiros para outras regiões ensejou uma outra forma de distribuição de terra entre os moradores.

A concentração de terras na mão de poucos proprietários tornou-se comum na região. Como exemplificação desses fazendeiros / comerciantes que são donos de muitas braças de

³ SIMONSEM, Roberto. citado IN: Colnaghi, Maria Cristina. Francisco de Borja Baptista de Magalhães Filho e Marionilde Dias Brepohl de Magalhães. *São José dos Pinhais: a trajetória de uma cidade*. – Curitiba: Editora Prefhacio, 1992. p. 33.

terras, é destacado como representante nessa pesquisa Marcelino José Nogueira, homem de grande destaque em São José dos Pinhais no século XIX.

Entre as formas de comércio dos luso-brasileiros em São José até a chegada dos imigrantes, se inclui a do comerciante caixeiro viajante, que vendia seus produtos diretamente nas fazendas. E o destacado comerciante desenvolveu esse tipo de comércio na região.

Marcelino foi escrivão, líder político, latifundiário e comerciante. Era comum ele vender mantimentos fiado, e os pequenos colonos não tendo condições para saldar seus débitos, pagavam o comerciante, ofertando-lhes suas terras, culminando com a aquisição de grandes glebas de terras como forma de pagamento.

Essas terras em pagamento junto com as terras adquiridas por herança e outras por compra, propiciaram a Marcelino destaque econômico na região.

Marcelino foi casado duas vezes, e no segundo matrimônio manteve aliança com uma mulher de família pertencente à elite. Ao que tudo indica com esse segundo casamento ele conquistou status social, devido às relações de parentesco com a família de sua nova esposa.

Em sua homenagem foi colocado o nome da região onde ele tinha suas terras de Marcelino e depois da instalação dos imigrantes ela se tornou colônia Marcelino, pois foi ele que vendeu com pagamento facilitado as terras dessa região aos imigrantes então instalados na Colônia Santos Andrade.

A permanência do nome Marcelino na antiga vila e após a instalação da colônia, deixa explícito que a ligação do comerciante com os luso-brasileiros e depois com os imigrantes foi muito mais do que apenas comercial.

Por ser uma colônia particular a documentação relacionada a sua criação é praticamente inexistente, ocasionando em uma lacuna que está presente em todos os espaços que tiveram esse tipo de imigração espontânea. Ao contrário das colônias governamentais que tem disponível em órgãos públicos documentos referentes a criação dos núcleos. Essa deficiência de documentação impossibilita um melhor conhecimento sobre a colônia.

Para a descrição da imigração em São José dos Pinhais, foram utilizados principalmente os livros de Maria Angélica Marochi: *Imigrantes 1870 – 1950: Os Europeus em São José dos Pinhais*, e outra obra organizada por Maria Cristina Colnaghi: *São José dos Pinhais: a trajetória de uma cidade*.

Para o 3º capítulo foi de grande importância as fontes orais obtidas por Marochi na Colônia Marcelino, com as quais se possibilitou fazer o cruzamento das fontes com a questões teóricas de “choque cultural” e “crise de identidade”.

Com a transferência das famílias para a Colônia Marcelino essa questão do choque cultural passa a ser evidente, considerando que a transferência para o núcleo Marcelino, ocorre com duas etnias diferentes, os imigrantes ucranianos e os poloneses.

Na região de Marcelino existiam propriedades de luso-brasileiros, mas ao que tudo indica os luso-brasileiros não moravam nessas áreas, apenas mantiveram um latifúndio pouco produtivo, usando esses espaços para o plantio e estocagem de erva-mate. Pelo motivo dos luso-brasileiros não residirem na região, mas apenas ter um contato comercial com os imigrantes, esse grupo não será contemplado na discussão do choque cultural, que compreenderá somente o encontro dos grupos ucranianos e poloneses.

A vinda dos imigrantes destacado nesse trabalho faz parte de um processo de mudança ocorridas no final do século XIX, podendo também ser chamado de globalização. Esse contexto histórico teve forte impacto sobre a identidade cultural, fosse ela de classe, de gênero, etnia, raça ou nacionalidade, trazendo conseqüências para as diferentes estruturas sociais.

Como argumenta Hall sobre as mudanças do mundo contemporâneo:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social⁴.

Quando falamos da instalação de duas etnias diferente numa mesma Colônia, destacamos também que a partir do encontro e da diferença, esses dois grupos vão criar simbologias para demarcar suas identidades culturais. Portanto, os imigrantes ucranianos construíram seus símbolos diferenciados dos poloneses, e esse dos ucranianos. A igreja, o cemitério, as festas, a língua, a comida, a educação dos filhos eram separados, afirmando que são dois grupos distintos.

Como considerações finais conclui-se que o imigrante por ter uma lavoura de subsistência ativa, e a necessidade de comercializar para poder obter produtos que ele não plantava ou produzia, os imigrantes ucranianos e poloneses desenvolveram um comércio regular, em São José dos Pinhais e Curitiba. Esse comércio, portanto atingiu as expectativas do governo sobre as colônias agrícola, levando ao reconhecimento e destaque da colônia Marcelino. Ao contrário dos luso-brasileiros, que tinham um latifúndio pouco produtivo.

⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 13.